

# **A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ANÁLISE DO GT DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ANPED**

**PAVAN, Ruth – UCDB**

**GT-06: Educação Popular**

**Agência Financiadora: UCDB**

## **1. Situando Paulo Freire**

Por mais que Freire seja conhecido no campo da educação e mais ainda no campo da educação popular, entendemos que é pertinente salientar algumas de suas idéias para contextualizar nosso trabalho, bem como destacar alguns autores da teoria crítica que fazem referência a Paulo Freire, como McLaren (1997), Giroux (1997) e Apple (2006).

Lembramos que Freire (2002), sempre criticou a sociedade neoliberal, afirmando ser radicalmente “[...] contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura” (p.116). Freire reiteradamente falou/escreveu sobre a educação articulando-a com o contexto social e político. Nas palavras do próprio Freire:

É reacionária a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é alcançar o máximo de sua eficácia técnica e não perder tempo com debates “ideológicos” que a nada levem. O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar a outra menos injusta e mais humana. (2002, p. 114)

Freire (2004), nunca deixou de lutar pela transformação da sociedade e de questionar o poder dominante. Nunca abriu mão do sonho da mudança radical, da luta pela construção de uma sociedade igualitária, tanto do ponto de vista econômico e democrático como do ponto de vista político, racial, sexual e educacional: “E é por isso também que é possível, em qualquer sociedade, fazer algo institucional e que contradiz a ideologia dominante. Isso é que eu chamo de uso dos espaços de que a gente dispõe.” (FREIRE, 2004, p. 38).

A partir da linguagem freireana, é possível usar alguns conceitos que contêm uma clara caracterização do processo educativo popular. Um deles é o conceito de consciência, ou melhor, de conscientização que deve acompanhar o processo educativo. “A pessoa conscientizada é capaz de perceber claramente, sem dificuldades, a fome

como algo mais do que seu organismo sente por não comer, a fome como expressão de uma realidade política, econômica, social, de profunda injustiça.” (FREIRE, 1994, p. 225). Além disso, as relações dialógicas entre educando e educador, fazem parte de todo o processo educativo, bem como o caráter político e transformador da educação, questionando permanentemente a que interesses a educação está servindo: “Por isso é que eu dizia: a escola não é boa nem má em si. Depende a que serviço ela está no mundo. Precisa saber a quem ela defende”. (FREIRE, 2004, p. 38). Desnecessário dizer que Freire sempre defendeu radicalmente os oprimidos, buscando a libertação de todas as formas de opressão.

Feitas estas breves observações, passamos a destacar algumas idéias de educadores críticos que reconhecem em Paulo Freire, um teórico original e profundamente coerente com suas convicções. Apple (2006) lembra que foi com ativistas brasileiros e principalmente com Paulo Freire que aprendeu a construir uma educação digna:

Meu trabalho intenso com os ativistas brasileiros, e o que aprendi com eles, começou no meio da década de 1980, logo depois que se extinguiu o governo militar apoiado pelos Estados Unidos. Esse trabalho continuou por meio da intensa interação que tive com Paulo Freire e tornou-se ainda mais intenso, pois ajudei o Partido dos Trabalhadores – e com eles aprendi – a construir uma educação digna no Brasil. (APPLE, 2006, p.13).

Para McLaren (1997), Freire não só representa um revolucionário em educação comprometido com a libertação dos oprimidos, com a luta pela justiça social e a transformação da educação, mas sua pedagogia adquiriu um *status* legendário. Sua pedagogia “começou como um meio de conferir poder a oprimidos camponeses brasileiros, atingiu um *status* legendário através dos anos. Poucos educadores caminham tão sabiamente e com tanta determinação entre as fronteiras da linguagem e da cultura.” (MCLAREN, 1997, p.327). De modo semelhante, Giroux (1997) refere-se a Freire, lembrando que ele não é apenas um homem do seu tempo, mas também um homem do futuro, que contribui muito para a pedagogia crítica: “Em conclusão, a obra de Freire oferece uma visão de pedagogia e práxis que é partidária de sua essência; em sua origem e intenções, ela é a favor de ‘optar pela vida’” (GIROUX, 1997, p. 156).

Terminamos nossos apontamentos iniciais, fazendo nossas as palavras de Giroux. Quando se refere a Paulo Freire, o autor salienta que sua fala, prática e visão: “[...] representam um modo de reconhecer e criticar um mundo que vive perigosamente

à beira da destruição. [...] A obra e presença de Freire estão aí não apenas para nos lembrar o que somos, mas também para sugerir no que podemos nos transformar.” (GIROUX, 1997, p.156)

## **2. Situando o trabalho e os procedimentos de análise**

O trabalho tem como objetivo analisar a importância que Paulo Freire tem ocupado no GT de Educação Popular no período de 2003 a 2007. A referência de análise é a própria teoria de Freire, pois entendemos junto com os autores anteriormente citados, que ele é fundamental para pensar a educação no contexto atual, numa perspectiva crítica e popular.

Justifica-se pela relevância que Freire tem para o campo da Educação Popular, desde a sua experiência na Educação de Jovens e Adultos, bem como sua contribuição teórica original para pensar a educação popular como um campo de características específicas, onde o compromisso com a libertação dos oprimidos é central. Para dar conta do objetivo, fizemos uma primeira leitura de todos os trabalhos aprovados para a apresentação no GT nos últimos cinco anos, classificando-os em textos que citam Freire e textos que não mencionam Freire. Na segunda fase da análise, nos detivemos nos trabalhos que citam Freire para: a) identificar as obras de Freire citadas; b) identificar os trabalhos que utilizam Freire como referência principal e os que o utilizam sem ser central; c) analisar com que finalidade Freire é citado nos trabalhos.

## **3. A presença de Freire no GT de Educação Popular**

Quanto à presença de Freire no GT de Educação popular, obtivemos os seguintes resultados: em 2003, dos 10<sup>1</sup> trabalhos apresentados, 6 citam Freire (60%); em 2004, dos 11 trabalhos listados na programação do GT, 6 citam Freire (54,5%); em 2005, dos 14 trabalhos listados na programação oficial, 8 citam Freire (57,15); em 2006, dos 13<sup>2</sup> trabalhos listados na programação, 9 citam Freire (69,2%); por fim, em 2007, dos 14 trabalhos listados na programação oficial do GT, 10 citam Freire (71,42%). Neste sentido, uma primeira observação a ser feita é que Paulo Freire, continua sendo uma

---

<sup>1</sup> A programação oficial contém doze trabalhos, mas dois não estão nos anais e portanto, não puderam ser considerados.

<sup>2</sup> Na verdade contém 14 trabalhos, mas um trabalho não está acessível, portanto foram considerados apenas 13 trabalhos.

referência importante para o campo da educação popular, uma vez que do período analisado, dos 62 trabalhos listados na programação do GT, 39 citam Freire, ou seja, mais da metade, ou mais precisamente, 62,9%.

Quanto às obras de Freire citadas nos trabalhos, bem como a recorrência dessas obras e a quantidade de obras citadas, obtivemos os seguintes resultados:

a) Em 2003, nos trabalhos que citam Freire, a obra mais citada foi *Pedagogia do Oprimido*, (citada em 4 trabalhos), seguida de *Pedagogia da Esperança* (citada em 2 trabalhos). As obras citadas em apenas um trabalho foram: *A sombra desta mangueira*, *Educação como prática de liberdade e Teorias da educação popular* (Freire com Cezar Nóbrega). Neste ano, há também um trabalho que faz referência a Freire durante o texto, mas não cita nenhuma obra específica. Ainda em relação ao ano de 2003, considerando a quantidade de obras citadas temos o seguinte: quatro obras (1 trabalho), duas obras (2 trabalhos), uma obra (2 trabalhos); nenhuma obra, mas cita Freire (1 trabalho)

b) Em 2004, nos seis trabalhos que citam Freire, novamente a obra *Pedagogia do Oprimido* é a mais citada (em 4 trabalhos), seguida da *Pedagogia da Esperança* (2 trabalhos). As demais obras citadas aparecem em apenas um trabalho. São elas: *Educação como prática de liberdade*, *Extensão ou comunicação*, *Que fazer: teoria e prática em educação popular* (Com Antonio A. Nogueira), *Conscientização: teoria e prática da libertação*, *Política e educação* e *Pedagogia da autonomia*. Novamente um trabalho cita Freire ao longo do texto, mas não cita nenhuma obra. Em relação à quantidade de obras citadas, temos: quatro obras (dois trabalhos), duas obras (um trabalho), uma obra (dois trabalhos), nenhuma obra mas menciona Freire ao longo do texto (um trabalho).

c) Em 2005, observa-se o mesmo: a obra *Pedagogia do Oprimido* é a mais citada, isto é, é citada em 7 dos 8 trabalhos que mencionam Freire. Em seguida temos, *Pedagogia da autonomia* e *Educação como prática da liberdade*, citadas em dois trabalhos. Temos ainda, as obras, *Ação cultural para a liberdade*, *Educação e mudança*, *Extensão ou comunicação*, *Educação popular*, *Política e educação*, *Aprendendo com a própria história II* (em co-autoria com Sérgio Guimarães), *Pedagogia: diálogo e conflito* (em co-autoria com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães) citados em um trabalho cada. Quanto a quantidade de obras citadas, observamos o seguinte: sete obras (um trabalho), três obras (um trabalho), duas obras (dois trabalhos) e uma obra (quatro trabalhos).

d) Também em 2006, dos trabalhos que citam Freire, outra vez, a obra *Pedagogia do Oprimido* é a mais recorrente, sendo citada em cinco trabalhos. Depois temos várias obras que são citadas em dois trabalhos: *Educação como prática da liberdade*, *Pedagogia da esperança*, *Pedagogia da indignação*, *Pedagogia da autonomia* e *Professora sim tia não*. Por fim, temos as obras citadas em apenas um trabalho: *Política e educação*, *Ação cultural como prática da liberdade*, *Extensão ou comunicação* e *Medo e ousadia* (em co-autoria com Ira Shor). Em relação ao número de obras citadas nos trabalhos temos o seguinte: quatro obras (um trabalho), três obras (dois trabalhos), duas obras (três trabalhos) uma obra (um trabalho) e cita Freire sem citar a obra (um trabalho).

e) Por fim, em 2007, observamos uma pulverização das obras citadas de Freire, embora a *Pedagogia do Oprimido* continue sendo a mais citada nos trabalhos (três trabalhos). Três trabalhos citam duas obras: *Educação como prática da liberdade*, *Pedagogia da indignação* e *Pedagogia da autonomia*. Há uma grande quantidade de trabalhos que cita apenas uma obra. As obras citadas são *Pedagogia da esperança*, *Ação cultural como prática da liberdade*, *Cartas a Guiné-Bissau*, *Conscientização: teoria e prática da libertação*, *Educação e mudança*, *A sombra da mangueira*, *Que fazer: teoria e prática em educação popular*, *Vivendo e aprendendo*, *A importância do ato de ler* e *A África ensinando a gente* (em co-autoria com Sergio Guimarães). Quanto ao número de obras de Freire citadas por trabalho observamos o seguinte: oito obras (um trabalho), três obras (um trabalho), duas obras (dois trabalhos), uma obra (quatro trabalhos) e Freire sem mencionar a obra (dois trabalhos).

Sintetizando esses dados, podemos observar que a obra *Pedagogia do Oprimido* continua sendo a que mais marca a educação popular, pois a análise demonstra que ela é citada em 23 dos 39 trabalhos (58,9%) que recorrem a Paulo Freire para fundamentar suas reflexões no campo da educação popular. Podemos destacar ainda que a maioria dos trabalhos que recorrem a Paulo Freire baseia-se em mais de uma obra, 22 de 39 trabalhos, (56,4%), pois como vimos 12 trabalhos citam apenas uma obra (30,8%) e 5 trabalhos (12,8%) não citam nenhuma obra, mas fazem referência à Paulo Freire durante os seus textos. Porém apenas, 10 trabalhos dos 39 citam três ou mais obras, o que corresponde a 25,6% dos trabalhos. A pergunta que deixamos para a reflexão é o que estamos fazendo da Educação Popular que faz com que Paulo Freire seja citado, mas não como referência principal na maioria dos trabalhos?

Feitas estas observações a pergunta que cabe responder é: para fundamentar quais reflexões, Paulo Freire é utilizado, no GT de Educação Popular?

#### **4. Paulo Freire, quando e com que finalidade?: análise dos trabalhos em que Freire não é central.**

Feito o mapeamento de Paulo Freire no GT de Educação Popular, passamos a apresentar os resultados da análise onde identificamos quando e com que finalidade Paulo Freire é mencionado nos trabalhos. Para tanto, optamos em classificar os trabalhos em que Freire é central (7 trabalhos) e trabalhos em que Freire é citado, mas não é central (32 trabalhos). Na análise dos trabalhos em que Freire não é central, nos trabalhos listados para a apresentação em 2003, obtivemos os seguintes resultados:

Azibeiro (2003) cita Freire, lembrando que as reflexões dos atuais estudos pós-colonialistas ou pós-ocidentalistas como a questão das diferenças culturais já estavam presentes na obra *Pedagogia do Oprimido*, ou seja, ela cita Freire com um enfoque histórico. Ghiggi e Gonçalves (2003) citam Freire quando mencionam o movimento da cultura popular da década de 60 e apontam que a proposta de educação popular da década de 80 que estão analisando fundamentava-se na prática pedagógica de Freire. Streck (2003) lembra as inúmeras marchas com as quais Freire sonhava e que ele mencionou pouco antes de sua morte. Cita ainda a sua luta na década de 60, afirmando que Freire remete a pensar numa articulação de diferentes lutas sociais, apontando-o como parceiro imprescindível na articulação dos movimentos sociais atuais, as idéias de Freire, principalmente o diálogo baseado em outros critérios de rigorosidade. Poli (2003) cita Freire para dizer o que é educação popular. Esteban (2003) faz referência ao diálogo proposto por Freire, como prática pedagógica necessária nas escolas públicas.

Nos trabalhos de 2004, nossa análise demonstra:

Vasconcelos (2004) lembra a religiosidade presente na obra de Freire, lembrando que “não se quer, com isso, afirmar o caráter religioso da Educação Popular” (p. 6), mas sua presença “indica uma característica epistemológica de suas práticas que grande parte da reflexão sociológica e pedagógica não conseguiu captar” (p. 6). Ribeiro (2004) menciona o processo de conscientização descrito por Freire, vendo-o como “a base para ligar os níveis individual, organizacional e comunitário do empoderamento” (p. 10). Destaca ainda a necessidade da participação do educando, levando a autonomia, bem como a “capacidade ontológica de ser mais” (p. 13). Nascimento (2004) faz

referência a Freire, mencionando-o como um dos autores que contribui para “propor um estatuto para o profissional/professor” (p. 3), para defender a necessidade de incluir na escola a cultura local e afirmar a prática dialógica. Azibeiro (2004) cita Freire para lembrar que foi um dos seus grandes referências no início de sua trajetória na educação popular. Além disso, enfatiza a necessidade de o educador considerar e conhecer a realidade dos alunos. Salieta ainda, recorrendo a Freire, a opção epistemológica preocupada com a libertação, politização e emancipação das classes populares. Amâncio (2004) utiliza Freire para destacar o caráter transformador, dialógico e o processo de conscientização presente na educação popular. Também no trabalho de Oliveira (2004), Freire é citado para fundamentar a prática dialógica e libertadora.

Nos trabalhos de 2005, observamos o seguinte:

Weyh (2005) cita Freire como um marco da educação popular e lembra baseando-se em Freire que “não poderá acontecer o processo de ‘libertação’ sem esta busca intencional de um projeto político-pedagógico emancipatório” (p. 6). Adad (2005) menciona Freire, articulando a Pedagogia do Oprimido com a metodologia de pesquisa Sociopoética. Fantin (2005) aponta a importância de Freire nas experiências de educação popular nas décadas de 70 e 80, destacando o diálogo e os círculos de cultura. Fleuri (2005) lembra as “situações limites” das quais fala Freire na *Pedagogia do Oprimido* e da necessidade da prática dialógica. Marcon (2005) menciona o caráter utópico da educação freireana e a necessidade de os educandos serem vistos como sujeitos e não como objetos. Krug (2005) menciona a necessidade do respeito ao conhecimento das classes populares defendido por Freire para construir “uma escola que busque responder as necessidades das classes populares que hoje a acessam” (p. 7).

Já nos trabalhos de 2006, verificamos:

Santos e Deluiz (2006) citam Freire fazendo referência a sua educação dialógica, ao compromisso de libertação dos oprimidos e a necessidade não só da leitura da palavra, mas da leitura do mundo, para a superação da sociedade capitalista. Melo Neto (2006), menciona Freire para destacar a educação para a liberdade, uma educação do interesse dos oprimidos, pautada na própria realidade dos oprimidos. Oliveira (2006) utiliza Freire para fundamentar a prática pedagógica dialógica utilizada em uma experiência de educação popular, “pautada, sobretudo, nos princípios éticos e humanistas cristãos de Paulo Freire”. (p. 9). Fonseca (2006) enfatiza por meio de Freire a proposta dialógica, a valorização dos saberes populares, destacando o diálogo entre diferentes visões de mundo. Onofre (2006) recorre a Freire para enfatizar os limites da

prática educativa e a condição de inacabamento do ser humano. Brayner (2006<sup>3</sup>) cita Freire para destacar que a leitura do mundo pelo oprimido dever ser o objetivo final da educação. Pauly (2006) faz referência à “metodologia dialógica que transforma o senso-comum do povo em conhecimento científico” (p. 14).

Por fim, nos trabalhos de 2007 que citam Freire, temos o seguinte:

Feitosa (2007) utiliza Freire como marco histórico da educação popular. Recorrendo a Brandão, Feitosa destaca que “a década de 60 foi marcada pelo surgimento de Paulo Freire e dos círculos populares de cultura, fatos que proporcionaram a sistematização de um ideário e de experiências do que hoje conhecemos por Educação Popular” (p. 6). Streck (2007) também recorre a Freire como marco histórico, lembrando que antes dele pouco conhecemos<sup>4</sup>. Segundo ele, no Brasil, “os movimentos de cultura popular, o método Paulo Freire e as lutas clandestinas no período das ditaduras militares são sem dúvida fatores que marcam a emergência de um campo que se pauta por determinados princípios e por uma perspectiva metodológica distinta a partir de onde começa a dialogar com outras compreensões de educação” (STRCK, 2007, p. 2). O autor destaca ainda a intencionalidade revolucionária da pedagogia de Freire. Zucchetti (2007) faz menção a Freire para apontá-lo como um dos autores que “reflexionam sobre a educação para além do espaço escolar” (p. 2), ou seja, como um dos autores que faz a análise da educação privilegiando o campo social. Paula (2007) faz referência a Freire para destacar que esse tem sido a fundamentação teórica básica no campo da educação popular, mas lembra que há muitos outros<sup>5</sup>. Falkembach (2007) recorre a Freire para destacar que este junto com Fals Borda, representou, nos anos 1950-70, um marco, ao “desenvolverem produções capazes de realizar rupturas no plano epistemológico, subsidiando compreensão e crítica aos arranjos sociais, aos modos de organização da educação e às formas dominantes de produção e uso do conhecimento” (p. 3). Godinho (2007) menciona Freire para salientar que a educação “é um ato de intervenção no mundo” (p. 10). O título do trabalho de Brayer (2007), “Homens e mulheres de palavra: sobre o diálogo” a primeira vista sugere a centralidade de Freire, pois a palavra diálogo faz parte da discussão de Freire. Entretanto, a leitura na

---

<sup>3</sup> Destacamos que Brayner apresentou também um trabalho em 2007, mas como organizamos esta parte do texto pelos anos de apresentação, ele será mencionado novamente.

<sup>4</sup> Destacamos que Steck (2007) ao enfatizar que antes de Freire pouco conhecemos não está sugerindo que não existam educadores populares. Seu texto discute o pensamento de José Martí.

<sup>5</sup> Paula (2007), além de Freire, cita Brandão, Garcia, Noronha, Campos, Vasconcelos, Betto e Gadotti.

íntegra do seu texto nos fez entender que ele é citado como um dos autores<sup>6</sup> que faz referência ao diálogo, afirmando que não existe educação sem diálogo. Na verdade o autor questiona algumas idéias de Freire, afirmando que devemos nos “emancipar da própria emancipação” (p. 14). Backes (2007) recorre a Freire para questionar a ausência nos trabalhos apresentados no GT de educação popular de algumas categorias defendidas nas últimas obras de Freire, como as categorias de raça e gênero, que segundo a análise de Backes<sup>7</sup> (2007) não são contempladas em nenhum dos trabalhos que utilizam Freire.

## **5. Paulo Freire, quando e com que finalidade?: análise dos trabalhos em que Freire é central.**

Segundo nossa análise dos 39 trabalhos que citam Freire, em apenas sete trabalhos ele é citado como referência principal, aparecendo ao longo do desenvolvimento de todo o trabalho. Zitkoski (2003) analisa as convergências entre Freire<sup>8</sup> e Habermas que possam contribuir para o campo da Educação Popular, no sentido de “discutir a fundamentação de um novo projeto de sociedade emancipada, verdadeiramente democrática e cidadã” (p. 1). O autor situa Freire com alguém que está na origem da Educação Popular, um pioneiro da transformação da opressão. Um autor que sempre refletiu sobre suas próprias posturas, atualizando sempre seu modo de pensar, como podemos observar segundo o autor, nas obras *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Autonomia*. Zitkoski (2003) destaca ainda que o desafio maior de Freire foi a libertação dos oprimidos, ou seja, “a humanização do mundo através da ação cultural libertadora” (p. 3). Salieta ainda que Freire fez uma releitura do Marxismo, evitando a lógica mecanicista ou determinista, o que segundo Zitkoski (2003), representa a originalidade de Freire na década de 60. Essa postura dialética de Freire, “constitui-se em uma *posição antropológica original* que deve servir de inspiração para hoje construirmos elementos teóricos fecundos para uma nova fundamentação do projeto social transformador” (p. 6). Destaca ainda a dialogicidade como elemento significativo para a construção de uma nova racionalidade: “O conceito de dialogicidade

---

<sup>6</sup> Brayner (2007) analisa, além de Freire, as contribuições de Hannah Arednt, Martin Buber e Habermas. Reiteramos que nosso interesse é por Freire.

<sup>7</sup> Destacamos que Backes (2007) não fez uma análise de Freire no GT de Educação Popular, ele fez sua análise tendo como referência o lugar da cultura no GT da educação popular.

<sup>8</sup> Coerentes com nosso objetivo, nossa análise só se deterá na importância de Freire no texto.

em Freire é *o pano de fundo* de sua visão antropológica fecunda, que produz um pensamento radicalmente humanista e libertador” (p. 10). Segundo Zitkoski (2003) Freire é fundamental ainda para fazer a crítica ao neoliberalismo. Nesta crítica, “Freire está denunciando as práticas desumanas dela decorrentes e mostrando a manipulação ideológica através de um discurso fatalista e conservador diante das crises produzidas pelo projeto político em questão” (p. 14).

Outro trabalho em que Freire é central é de Damasceno (2005). A autora descreve uma proposta de educação popular em saúde desenvolvida por ela mesma. Nesta proposta, recorreu a Freire para trabalhar com os *círculos de cultura*, pois segundo ela, estava convencida “da importância do despertar para o diálogo e a participação como ato de criação e recriação” (p. 2). A autora recorre ainda a Freire para fundamentar a necessidade do processo de conscientização por meio de uma proposta de intervenção participativa, lembrando que para Freire, o método não pode impor formas únicas, mas estar sempre aberto a inovações e a criação. Destaca ainda que segundo Freire, a educação é um processo coletivo onde educando e educador estão num processo de ensino e aprendizagem. Lembra ainda que: “Sob o olhar de uma concepção popular de educação de Paulo Freire, na qual o diálogo e a participação constituem princípios de seu método, que é muito mais um método de aprender, de conhecer do que de ensinar” (p. 7).

Batista (2005, 2006, 2007<sup>9</sup>) é outra autora que utiliza Freire de forma recorrente em seus trabalhos apresentados sobre a educação popular nos movimentos sociais. Ela recorre a Freire para fazer referência à educação libertadora, seu caráter político, sua opção pelo oprimido, bem como o poder transformador deste tipo de educação, libertando os oprimidos: “Na visão freireana a educação é um processo humanizador e histórico que deve proporcionar uma práxis transformadora para libertar os homens e mulheres da situação de submissão que a sociedade capitalista lhes impõe” (BATISTA, 2005, p. 6). De modo semelhante no trabalho apresentado em 2006 destaca que a educação popular “busca proporcionar aos indivíduos uma compreensão crítica que possibilite uma práxis transformadora da realidade social, política, cultural, numa perspectiva utópica de uma sociedade igualitária, emancipadora, como ressalta Freire” (BATISTA, 2006, p. 3). Destaca ainda nos seus trabalhos que a educação popular de

---

<sup>9</sup> Explicitamos que essa autora apresentou um trabalho em 2005, um 2006 e outro em 2007. Como nosso interesse é o uso de Freire, optamos por analisar seus trabalhos de forma conjunta, até porque as mesmas idéias de Freire aparecem nos três textos.

Freire privilegia o diálogo como princípio pedagógico, salientando a liberdade e autonomia dos educandos, recusando posições quietistas. Os educandos se conscientizam e inserem-se criticamente no mundo. Batista (2006) destaca a ruptura que Freire representa em relação ao ensino tradicional. No texto de 2007, Batista utiliza Freire para lembrar que foi com ele que teve início uma nova forma de educação do campo, “destinada às classes populares que tivesse como primado da formação uma leitura crítica e engajada da realidade social que contribuísse para a organização dos setores oprimidos e apontasse para a transformação da realidade de opressão vivida pelos indivíduos” (p. 2). Com isso, a educação do campo, segundo autora começa a questionar o seu currículo, passando a se pautar nas condições concretas do mundo dos camponeses, recorrendo aos temas geradores de Freire, buscando a formação de sujeitos críticos para a construção de uma nova sociedade.

Moita e Andrade (2006), cujo trabalho também recorre sistematicamente a Freire iniciam citando Freire, onde este questiona a rotina escolar. As autoras recorrem a Freire para fundamentar o uso de oficinas pedagógicas que possam fazer da escola pública um espaço de vitalidade. As autoras fazem referência a eixos epistemológicos deixados pelo legado de Paulo Freire para pensar a docência. Neste sentido destacam a ousadia, ou seja, a inconformidade com o estado atual social e pedagógico. Para não perder essa ousadia, apontam, baseando-se em Freire, a “formação contínua, compromisso ético, consciência profissional e motivação para esse trabalho” (MOITA e ANDRADE, 2006, p. 2). As autoras destacam ainda, o senso crítico como uma das características básicas da docência, bem como a permanente postura de diálogo e o ideal de transformação das relações de opressão. Além disso, mencionam a necessidade do educador instigar a curiosidade dos educandos para que o processo educativo possa alcançar seus objetivos.

Por fim temos o trabalho de Kavaya (2007) que cita Freire recorrentemente. O autor escreve sobre as possibilidades de diálogo entre Ondjango<sup>10</sup> e Freire. O autor inicia destacando o diálogo defendido por Freire, bem com a experiência de vida como constitutiva do sujeito Paulo Freire: “Referindo-se à experiência da infância, Freire apresenta considerações radicalmente significativas do vivido e aprendido no mundo da vida” (KAVAYA, 2007, p. 1). O autor (que é angolano) descreve ainda a trajetória de

---

<sup>10</sup> “Ondjango” é uma prática angolana: “Os angolanos se sentam para praticar o ondjango, o encontro vivo, de conversa vital dos vivos que buscam permanentemente a vida” (KAVAYA, 2007, p. 1). O autor do texto afirma que a cultura do ondjango pode ser traduzida como cultura dialógica. Novamente explicitamos que nosso interesse é por Freire.

Freire pela África, destacando que a vida de Freire foi “marcada por mortes ressurreições, de tombos e erguidas” (Idem, p. 5). Lembra a prisão e o exílio, destacando que Freire dizia se sentir em casa na África. Destaca, (como o próprio título do seu trabalho sugere) o caráter dialógico da pedagogia de Freire, a causa da libertação independente onde ocorre a opressão. Destaca ainda que Freire dizia sempre que mais que ensinar, ele estava aprendendo com a África. O autor destaca ainda o entendimento de cultura presente na reflexão de Freire e o método de alfabetização original proposto por ele.

## **6. Considerações finais**

Feita a análise de todos os 39 trabalhos que citam Freire, percebemos que ele é citado principalmente para: a) fazer referência a história da educação popular; b) para fundamentar a prática dialógica da educação popular; c) para lembrar os compromissos da educação popular com os oprimidos, vendo-a como processo de conscientização; d) para mencionar os “círculos de cultura” como forma de trabalhar com as classes populares. Observamos ainda que a obra mais citada é *Pedagogia do Oprimido* (23 dos 39 trabalhos), o pensamos se explica pela proximidade que a educação popular tem com a luta pela libertação de todas as formas de opressão.

Concluído o trabalho da análise da contribuição de Paulo Freire no GT de Educação Popular, ressaltamos que a presença de Freire é menor do que inicialmente acreditávamos. Embora a maioria dos trabalhos cite Freire (lembramos que são 39 de 62), poucos são os trabalhos em que ele aparece como central (apenas 7 de 39). Isso parece estranho se considerarmos que os interesses e as causas defendidas por Freire sempre foram os da educação popular. E a pergunta que deixamos para continuarmos pensando no GT é exatamente a que se deve essa pouca presença de Freire na Educação Popular.

## **Referências:**

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **A filosofia dos educadores sociais de rua: sociopoetizando a produção de subjetividade**. 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.

AMÂNCIO, Cristhiane. Educação popular e intervenção comunitária: contribuições para a reflexão sobre empoderamento. 27ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2004.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

AZIBEIRO, Nadir Esperança. **“Entrelaços do saber”**: uma aposta na desconstrução da subalternidade. 26ª Reunião Anual da ANPED, Poço de Caldas, 2003.

AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Qual o jeito do GT 6?** Uma incursão em busca de pistas. 27ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2004.

BACKES, José Licínio. **O lugar da cultura no GT de Educação Popular**. 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **A educação popular do campo e a realidade camponesa**. 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **Educação popular em movimentos sociais: construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias**. 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **Os movimentos sociais cultivando uma educação popular do campo**. 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006.

BRAYNER, Flávio Henrique. **Educação popular e “competência republicana”**. 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006.

BRAYNER, Flávio Henrique. **Homens e mulheres de palavra: sobre o diálogo**. 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

DAMASCENO, Cleide Ferreira. **Educação popular em saúde: a construção de relações dialógicas entre portadores de diabetes mellitus e profissionais da área**. 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Escolas que somem: reflexões sobre escola pública e educação popular**. 26ª Reunião Anual da ANPED, Poço de Caldas, 2003.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. **Sistematização em educação popular: uma história, um debate...** 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

FANTIN, Maristela. **Educação popular com arte: pintando novas cores nas práticas coletivas**. 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.

FEITOSA, Débora Alves. **A educação popular enquanto um saber da experiência**. 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação popular e saúde: perspectivas epistemológicas emergentes na formação de profissionais**. 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.

FONSECA, Lana Claudia de Souza. **“Você quer o fato científico ou o que eu realmente acredito?”**. O conflito entre religião e ciência nas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

GHIGGI, Gomercindo; GONÇALVES, Jussemar. **O público e popular na história da educação brasileira**: Cachoeirinha/RS e Pelotas nos anos 80. 26ª Reunião Anual da ANPED, Poço de Caldas, 2003.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GODINHO, Ana Cláudia Ferreira. **O formal e o não-formal na trajetória formativa de educadoras de jovens e adultos na perspectiva da educação popular**. 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. **Uma reinvenção dos saberes imemoriais nos contos de investigação criminal**. 26ª Reunião Anual da ANPED, Poço de Caldas, 2003.

KAVAYA, Martinho. **Freire e o ondjango podem dialogar?** Reflexões sobre o diálogo de Freire com o ondjango africano/angolano. 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

KRUG, Andréa Rosana Fetzner. **Ciclos de formação**: desafios da teoria pedagógica para as práticas escolares. 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.

MARCON, Telmo. **Cultura popular e memória**: desafios e potencialidades pedagógicas. 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.

MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas**: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MELO NETO, José Francisco de. **Educação popular em economia solidária**. 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006.

NASCIMENTO, Adir Casaro. **Professores-índios e a escola diferenciada/intercultural**: a experiência em escolas indígenas Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul e a prática pedagógica para além da escola – um estudo exploratório. 27ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **O pluralismo religioso e seus conflitos na educação popular**: o olhar de educadores. 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; STOTZ, Eduardo Navarro. **Perspectivas de diálogo no encontro entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico.** 27ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2004.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **Escola da prisão: espaço de construção da identidade do homem aprisionado?** 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **Dilemas e contribuições de projetos de educação não formal com a educação popular: reflexões sobre práticas e saberes.** 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

PAULY, E. L. **Reflexões inspiradas pela educação popular sobre a LDB, ECA, Moral, ontologia e formação para a cidadania.** 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006.

POLI, Odilon Luiz. **Educação popular na escola cidadã e a questão da participação.** 26ª Reunião Anual da ANPED, Poço de Caldas, 2003.

RIBEIRO, Kátia Suely Queiroz Silva. **As redes de apoio social e a educação popular: apertando os nós das redes.** 27ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2004.

SANTOS, Ana Maria Marques; DELUIZ, Neise. **Saberes do trabalho e educação popular na Coopcarmo: projeto lixo é vida.** 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006.

SITKOSKI, Jaime José. **Educação popular e emancipação social: convergências nas propostas de Freire e Habermas.** 26ª Reunião Anual da ANPED, Poço de Caldas, 2003.

STRECK, Danilo Romeu. **O fórum social mundial e a agenda da educação popular.** 26ª Reunião Anual da ANPED, Poço de Caldas, 2003.

STRECK, Danilo Romeu. **José Martí e a educação popular: um retorno às fontes.** 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **A espiritualidade na educação popular em saúde.** 27ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2004.

WEYH, Cênio Back. **Faces (novas) da educação popular no contexto brasileiro atual: a construção do poder popular pela participação.** 28ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza. **Educação popular e universidade: necessárias interlocuções para novas questões.** 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.